



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA – PPGEN
DIRETORIA DE RELAÇÕES EMPRESARIAIS E COMUNITÁRIAS – DIREC - CP
DEPARTAMENTO DE APOIO E PROJETOS**

A CARTOLA MÁGICA DAS PALAVRAS: GUIA DE ATIVIDADES

Produto Educacional entregue aos alunos no Curso de Extensão, realizado na UTFPR- Câmpus Cornélio Procópio, em maio de 2017.

Mestranda: Zenaide Aparecida Negrão
Orientadora: Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira

APRESENTAÇÃO

Este material impresso tem por objetivo orientar o professor na realização de sua prática de leitura, diariamente, com os educandos. Realizado como item obrigatório para a conclusão do Mestrado Profissional do Programa de Ensino em Ciências Humanas e da Natureza (PPGEN), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Londrina, o presente manual levou em consideração as necessidades de divulgação de atividades e experiências bem sucedidas de educadores, para auxiliarem aqueles que se dedicam à formação do leitor.

Pensando nos professores, iniciantes e experientes, optou-se pela elaboração de um Guia, distribuindo-se os tópicos em seções: 1. O que é: Narrativa policial? Romance histórico? Sequências básica e expandida? Método recepcional? 2. Sugestões de atividades para a leitura.

O Que é Romance Policial/Enigma/Suspense?

O gênero policial clássico, também conhecido como romance de enigma ou suspense, apresenta uma investigação sobre um fato real ou fictício, sempre ligado a um crime. Seus elementos devem ser o crime, o medo, o mistério, a investigação, e até cenas de horror. O crime acontece num tempo anterior ao da investigação, dando um formato memorialista à ação. O detetive é uma pessoa comum, porém arguta, mais esperta que a polícia, não arrisca sua vida, tem alguns vícios e geralmente é acompanhada por um ajudante, o verdadeiro narrador da história. Um dos precursores desse gênero foi Edgar Allan Poe (1809-1849), ao criar o detetive Auguste Dupin, dotado de muito raciocínio, em *Os crimes da Rua Morgue* (1841). E o mais famoso dos investigadores, o homem que usa a tecnologia, Sherlock Holmes, protagonista das obras de Arthur Conan Doyle (1859-1930), surgiu em folhetim, com capítulos publicados na revista *Strand Magazine* com o título de *Um estudo em vermelho*, reunidos, em 1887, em livro (DOYLE, 1996).

No início do século vinte, nos Estados Unidos, essas narrativas adquirem outros elementos: a população das metrópoles, os gângsteres, as mulheres sedutoras, os policiais corruptos. Conhecidas como *hard-boiled*, seus detetives são inflexíveis ao cumprir a lei a seu modo, o que sempre coloca suas vidas em risco. Não acreditam na justiça devido ao comprometimento dela com a corrupção. Na mesma época surge o romance negro ou *noir*, com características bem próximas do *hard-boiled*: o clima sombrio das grandes cidades, a preferência pela noite, pelos bares e boates ora luxuosos ora em decadência, a prostituição, a

lei seca americana deflagradora de muitos crimes e subornos (JEHA, 2011). Essas histórias foram mais divulgadas pelo cinema, uma vez que poucas eram as editoras interessadas em publicar obras tão “imorais” para a conservadora sociedade americana.

Na esteira de Poe, surgiram outros renomados escritores policiais: Arthur Conan Doyle, Georges Simenon, a dama do crime Agatha Christie, mais recentemente Dan Brown, sendo que aqui no Brasil sobressaem Rubem Fonseca, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Tony Bellotto e Rodrigo Garcia Lopes, o qual faz sua estreia como romancista justamente com uma narrativa cujo pano de fundo tem o entrelaçamento da colonização do norte do Paraná, Londrina em especial, o envolvimento com os nazistas da II Guerra Mundial, a presença do rei da Inglaterra e do Lorde Lovat e o desaparecimento de funcionários da empresa.

Também vários são os autores na literatura infantojuvenil brasileira, cujas obras são dedicadas ao gênero policial: Stella Car, Pedro Bandeira, Teresa Noronha, Graziela Bozano Hetzel, entre outros. João Carlos Marinho é um deles e, a partir de seu romance *O Gênio do Crime*, de 1969, escreve uma sequência de várias narrativas denominadas “Aventuras da Turma do Gordo” (Bolacha/Bolachão, Edmundo, Pituca e Berenice). Ressalte-se que aos personagens do primeiro livro, foram sendo incorporadas mais seis crianças, além dos adultos: a professora, o frade e o mordomo.

Independentemente da faixa etária, tais romances têm como ponto em comum o fato de que criminoso e detetive formam o eixo que prende a atenção do leitor: quanto mais intrincado e nebuloso é o crime, mais trabalho o detetive deve apresentar, o que os torna antagonistas entre si e, para o leitor, alternam a função de protagonista. Logo, nem o criminoso nem o detetive devem ser pessoas vulgares, insignificantes.

Portanto, como narrativa policial, entende-se, em linhas gerais, um crime que precisa ser desvendado, estabelecendo-se uma relação entre o detetive, o crime e o assassino. A forma de articular tais elementos dará mais verossimilhança ao que se diz, prendendo a atenção do leitor, tornando-o ajudante na difícil tarefa investigativa. Os romances policiais estão relacionados ao que se determina como literatura de massa, a qual encontra atualmente um vasto público que necessita ver solucionados seus problemas, os crimes, a falta de segurança. No romance, o leitor tem a possibilidade de satisfazer sua curiosidade, seus medos, sua inteligência para desvendar as pistas deixadas ao longo da narrativa; o que o transporta para dentro do enredo. Vê no detetive a si mesmo, o que lhe proporciona imenso prazer. Acrescente-se que ele, leitor, sabe que toda a angústia vivida ao longo do texto, na maioria das vezes, terá um final feliz.

O Que é Romance Histórico?

O homem sempre teve uma necessidade de “contar”, de deixar para a posteridade os fatos que aconteceram com determinado povo e seu processo civilizatório. Assim nasceu o romance histórico. De Homero, na antiguidade grega, passando por Walter Scott, no século XIX; de José de Alencar, no Romantismo brasileiro, aos autores contemporâneos, há uma releitura de acontecimentos que são apresentados de acordo com o ponto de vista do autor, na sua época.

Sabe-se que a estrutura do romance histórico se sustenta num fato ocorrido em tempos anteriores ao presente do escritor. Assim, ajudam nessa verossimilhança os hábitos e costumes das personagens: as roupas, a comida, os móveis, o lazer, tudo concorre para resgatar o clima da época. No entanto, o romance deve oferecer também para o leitor um motivo para fugir da realidade por meio da ficção, da fantasia.

A união da Literatura com a História tem, ao longo de anos, provocado muitas discussões envolvendo os conceitos de ficção/realidade, opinião/invenção, como se a obra literária devesse ser julgada ora por um ora por outro e isso desmerecesse o seu valor. Alguns escritores não gostam que seus romances tenham a alcunha “histórico”, talvez para evitar que o leitor fique preso aos dados reais e não perceba a literariedade, e por isso entenda a obra como uma mera transcrição da História. “Nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma história romanceada” afirma Luiz Antônio Assis Brasil (ESTEVEES, 2010), como justificativa para seu livro *Videiras de cristal*. Ou mais contundente ainda é a afirmação de João Silvério Trevisan: “não gosto de romances históricos e não considero que *Ana em Veneza* seja um romance histórico” (ESTEVEES, 2010).

Pode-se afirmar que a narrativa histórica já foi considerada literatura de massa, visto que era, inicialmente, publicada em folhetins. Nossos escritores românticos José de Alencar, por exemplo, publicavam capítulos de seus romances nos jornais da época, no Rio de Janeiro. Tais obras sofreram a crítica direta do público, uma vez que o enredo era modificado de acordo com o gosto do leitor. Tal fato confirma que a ideologia de um texto não depende apenas da sua produção, mas inclui também o seu consumo.

Para ser considerada como “cultura, elevada, clássica, artística”, a obra começou a ser reconhecida pelas escolas, pelos críticos e teóricos que atribuíam determinadas características, normas muito específicas para cada texto. Assim surgiu o cânone, produção até hoje reconhecida e divulgada, que merece destaque não só nos meios acadêmicos como nas livrarias onde é comum encontrar, separadamente, a literatura clássica e o *best-seller*.

A literatura de massa, ao contrário, não se vincula a nenhuma escola ou teoria e sua produção está diretamente ligada à lei da oferta e da procura, obedecendo às leis de mercado.

Entretanto, isso não significa que a classificação de um livro será sempre a mesma. *Diva*, de José de Alencar, e *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicadas como folhetins, foram reconhecidas mais tarde e passaram a ser estudadas e analisadas. Neste particular, a escola tem papel fundamental. A orientação, vinda do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais, cristaliza, desde o século XIX, as obras consideradas como canônicas (CEREJA, 2005).

Com o Romantismo, a narrativa histórica explora o passado distante e mítico, contribuindo para a formação da identidade nacional e originando as ideias utópicas da liberdade, da reforma, das lutas sociais e políticas. Não é por acaso que a maioria das independências dos países latino-americanos, principalmente, aconteceram durante o período romântico. Já no século XX, a partir do Modernismo, as tramas e temas sofreram as mudanças ocorridas no momento histórico de profundas consequências para a sociedade: I Guerra Mundial, Revolução Russa, Revolução Chinesa, a República Velha, governo Vargas. Tudo oferecia uma desconfiança em relação aos ideais progressistas vinculados no século anterior, o que acabou se intensificando e confirmando, com a II Guerra Mundial, a divisão do mundo entre E.U.A e U.R.S.S num período conhecido como Guerra Fria.

No final do século XX (e início do século XXI) surge um novo romance histórico, também conhecido como metaficção historiográfica, romance de extração histórica ou romance pós-moderno, fruto da globalização econômica, do avanço das tecnologias, do desenvolvimento das mídias, do consumo exagerado, da ideologia neoliberal, dos novos valores morais e éticos, tudo sendo transformado em espetáculo, sujeito à lei do mercado.

Algumas observações são pertinentes no que tange relação à Literatura e História: a) esta retrata fatos reais, numa linguagem denotativa; aquela trabalha com a ficção, com a ambiguidade. Para Aristóteles, o historiador trata do que aconteceu, enquanto o literato, do que poderia ter acontecido; b) para o leitor, esse caráter verídico da História reforça o sentimento de incapacidade diante de fatos que o afligem, mas a Literatura abre-lhe outras perspectivas por meio do mundo mágico da fantasia, pois a verdade encoberta é mais fácil de ser aceita. Segundo Esteves (2010, p. 20), “a literatura conta histórias que a história escrita pelos historiadores não sabe, não quer ou não pode contar”.

Assim, os escritores contemporâneos desmitificam a História, transgredindo as próprias características do chamado romance histórico clássico, ou seja, não ficam presos à ação dos personagens, mas fazem uma reinterpretação dos fatos, sem a preocupação com o julgamento

que os historiadores fizeram ao longo do tempo. É a desconstrução que se observa, por exemplo, em *O Trovador*, de Rodrigo Garcia Lopes (2014).

O Que é Sequência Básica? E Sequência Expandida?

A leitura ainda constitui um problema a ser resolvido, principalmente, na escola. A concorrência dos meios eletrônicos, a ausência do convívio com livros desde a mais tenra infância, as sugestões propostas nos materiais didáticos e nos currículos escolares têm afastado o leitor infantojuvenil de boas obras literárias. Assim, percebe-se, no ambiente escolar, a aversão do estudante ao ato de ler ligada a alguns fatores que podem ser resolvidos facilmente, desde que haja interesse e comprometimento por parte de gestores, bibliotecários e professores.

Muitas são as publicações, com resultados satisfatórios, realizadas por educadores sobre as teorias e as práticas formadoras do leitor. Rildo Cosson (2009) é um desses estudiosos e colocou sua experiência como professor de Literatura e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa nos cursos de Letras e Pedagogia no livro *Letramento Literário: teoria e prática*, no qual propõe uma discussão sobre a leitura, a literatura e o papel da escola como intermediadora, além de oferecer atividades e estratégias para o ensino e a formação do leitor. A essas estratégias deu o nome de sequências – básica e expandida.

De acordo com o autor, a sequência básica se compõe de quatro passos: **motivação** (preparando os leitores), **introdução** (apresentar leitor e obra), **leitura** (contato com o texto) e **interpretação** (inferências) (COSSON, 2009). Cumpridas cada etapa, é possível acrescentar outras atividades como a produção textual de vários gêneros, além de compartilhar tais experiências com a organização de exposições dos trabalhos apresentados.

A atividade aqui descrita é sugerida para alunos de 5º./6º. anos. A escolha de *A Guerra do Chiclete*, de Miguel Sanches Neto (2014) se deu por ser contemporânea, posto que remete à Segunda Guerra Mundial, tratando-se, portanto, de uma história ambientada em tal período. Ela permite, de maneira lúdica, que os alunos possam compreender os possíveis impactos daquele evento no cotidiano das crianças e na sociedade brasileira da época. Outro fator que contribuiu para essa escolha é o fato do autor ser paranaense. Desse modo, pretendeu-se diminuir a distância entre autor e leitor, mostrando aos alunos que obras literárias não são provenientes apenas de autores canônicos e estrangeiros e/ou mundialmente consagrados, mas que há literatura e bons autores também no nosso estado e em nossa época.

Delimitada a sequência básica, descrita por Cosson (2009), o trabalho poderá seguir os seguintes passos:

Motivação

O livro pode ser apresentado aos estudantes, mas não entregue, e iniciar uma conversa informal com eles norteada pelos seguintes questionamentos:

- 1) O que esperar de um livro que se chama *A Guerra do Chiclete*?
- 2) Por que as pessoas entrariam em uma “guerra” por causa de chiclete?

Debatidas as ideias, como atividade de produção escrita, pode-se pedir que escrevam um verbete de enciclopédia, criando uma história para a *Guerra do Chiclete* – como se ela realmente tivesse acontecido e tratada agora como fato histórico. O texto dos alunos deve responder às seguintes perguntas:

- O que foi *A Guerra do Chiclete*?
- Quem participou da Guerra?
- Onde aconteceu?
- Quando aconteceu?
- Como aconteceu?
- Por que aconteceu?

Sugere-se, também, ilustrar o “fato histórico” criado por eles e em lugar adequado, fazer uma exposição dos textos e das ilustrações.

Introdução

Na aula seguinte, apresentar o livro aos discentes oficialmente, pela capa. Chamar a atenção para as cores e as ilustrações, questionando-os sobre o tema da narrativa a partir do que veem. Após um momento de discussão, as hipóteses sobre o assunto do livro, bem como sua temática (uma briga por causa dos chicletes, furto do chiclete, reivindicação pela liberação dos chicletes em uma escola), devem ser anotadas na lousa.

Com as capas abertas, há a alternativa de uma leitura semiótica, chamando-se a atenção dos leitores para as diferenças de cor – analogia ao chiclete no início da mastigação (escuro) e no final (claro), e também a expressão de vitória dos meninos que estão sobre o tanque de guerra na ilustração. Detalhes da vida do autor também são explorados, mas deve-se tomar cuidado para não desviar a atenção do texto, assim como não revelar nada sobre o enredo, pois pode levar ao desinteresse pela leitura.

Encerrado o momento de discussão, marcar o intervalo de leitura. Esse tempo deve ser distribuído de acordo com o número de páginas do livro, a capacidade de leitura da turma, mas cuidado para não ser muito longo para que não se perca o foco da atividade. Na aula seguinte, os alunos deverão ter feito a leitura integral da obra, visto que a narrativa possui 30 páginas.

Leitura

Este é um momento bastante delicado. Não é um policiamento para verificar se o estudante está lendo ou não, nem permitir que colegas com leituras mais avançadas “contem” o que já leram. O ideal é que se façam questões sobre o vocabulário da obra, temas aos quais podem ser relacionados, e se professores de outras disciplinas estão trabalhando algo parecido. Uma sugestão é que durante o processo de escolha do livro haja uma conversa com os colegas sobre a possibilidade de uma intertextualização: História – as guerras mundiais; Geografia – a exploração do látex, a fabricação da borracha, a geografia física e humana; Artes – a ilustração dentro do livro, o uso da aquarela.

Interpretação

Segundo Cosson (2009), no “encontro do leitor com a obra” nada pode substituir a experiência de leitura. As propostas facilitadoras como um resumo, um filme, uma série na TV, devem ser evitadas. Tais atividades podem ser utilizadas quando, ao final do trabalho com a leitura da obra, se quer realizar uma comparação entre as linguagens, por exemplo. Na interpretação é que se verifica, ou que se torna conhecida à visão de mundo que o leitor traz para a sala de aula.

A leitura deve provocar uma simbiose no leitor: ele se percebe como elemento integrante da comunidade escolar, traz para ela a sua experiência como elemento de uma sociedade maior e devolve a esta mesma sociedade o que aprendeu na sala de aula.

Algumas sugestões de trabalho nesse momento: cada aluno recebe uma cruzadinha ou caça-palavras, devendo encontrar as palavras que estão relacionadas ao tema e à história do livro. Em seguida, em duplas, devem escolher dois ou três termos aos quais terão que explicar e definir, podendo usar o dicionário. Depois, estabelecerão uma relação entre os significados e a narrativa, compreendendo melhor o enredo, sanando suas dúvidas.

“O registro de leitura”

Como atividade de registro de leitura, os educandos podem confeccionar cartazes fazendo propaganda do livro e montar um mural para expô-los; publicar seus verbetes e ilustrações num varal; redigir um comentário da obra enfocada, até mesmo criar um *blog* interativo para a comunidade escolar.

A Sequência Expandida

Como o próprio nome indica, é um aprofundamento das atividades realizadas na sequência básica e geralmente destinadas aos estudantes do ensino médio e do superior.

A **motivação** é o momento da reflexão sobre a realidade do aluno e as possíveis transformações que podem trazer para sua vida social e coletiva. Para que a atividade não fique cansativa, exploram-se charges, tirinhas, piadas, canções. Entretanto é preciso cuidado para não desviar a atenção do texto literário, maior objetivo do trabalho.

Na **introdução**, como a proposta de leitura é quase sempre sobre uma obra consagrada, pode-se apresentá-la pela sua temática. Por exemplo, no livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o tema principal é a desumanização das personagens provocada pela seca. Uma discussão rápida sobre a situação atual no país é um chamariz para despertar o interesse pela obra. Outra sugestão é pesquisar várias edições do livro e verificar quais os comentários feitos na contracapa e na orelha. Isso revela muito da ideologia, no momento da publicação. Ainda sugere-se fazer a leitura de trechos mais significativos do livro.

A **leitura** é quando o professor e o aluno estabelecem os prazos, que não devem ser postergados. Então, ocorrem os intervalos, nos quais há a verificação se a leitura está acontecendo ou não. Ela pode ser mediada por um poema, como o auto escrito por João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina* ou uma canção e mesmo um depoimento. No cancionário popular há várias composições, como *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; *A seca*, de Alceu Valença; *A triste partida*, de Patativa do Assaré e Luiz Gonzaga; *Súplica cearense*, de Gordurinha e Nelinho, que retratam bem a temática do livro.

Primeira Interpretação

Visão geral da leitura. Nela o aluno deve demonstrar a impressão que teve do título ao ponto final do último capítulo. É interessante realizar um registro que pode ser uma resenha, um ensaio, uma crônica, um poema. É muito importante que o professor apresente várias possibilidades ao estudante e respeite a sua liberdade ao optar pela forma com a qual ele mais se identifica.

Também são feitas as **contextualizações**:

Teórica – quais os conceitos determinantes? Lembrar que no caso de *Vidas Secas*, a miséria causada pela seca é vista como natural, mas a ela soma-se a miséria humana provocada pela influência social.

Histórica – época da publicação e da sociedade que a gerou – evitar uma pesquisa meramente de verificação do tempo.

Estilística – relacionar a obra com o período em que foi escrita – no caso, a segunda fase do Modernismo brasileiro, na qual pontuam romances regionalistas de 30 (século XX). Mostrar como escreve o autor: pouca adjetivação, estilo seco como a natureza (geográfica e humana) que descreve.

Poética – trata-se da composição ou estrutura da obra, mas é preciso atenção para não reduzi-la à análise de figuras de linguagem ou dos elementos da narrativa. No livro de Graciliano Ramos pode-se verificar a genialidade do escritor ao escolher, por exemplo, o nome dos personagens. Sinhá Vitória e Baleia são duas figuras femininas sagazes, intuitivas e o grupo depende delas. Isso num contexto humano e geográfico no qual a mulher não tem vez nem voz.

Crítica – levantamento das opiniões publicadas em jornais, revistas e manuais didáticos, confrontando-as com a apreensão do estudante.

Presentificadora – a correspondência da obra com o momento da leitura. Verificar se o tema e a trama são atuais ou se aconteceram somente naquele período da escritura.

Temática – ampliar o horizonte de leitura. Por exemplo, fazer recortes entre a vida urbana e a vida rural; a exploração dos mais pobres pelos mais ricos; dos detentores de poder em relação aos subalternos; as consequências da falta de comunicação.

Em uma interpretação mais aprofundada - a **segunda interpretação** - busca-se o aspecto que mais chamou a atenção dos alunos. Tal atividade pode ser individual, mas o professor deve solicitar que o aluno compartilhe com toda classe. Para estudantes do ensino superior, sugerem-

se projetos ou artigos acadêmicos com a possibilidade de apresentação em seminários e outros eventos afins.

Expansão

É o fim de todo trabalho, nele faz-se uma retomada de tudo que foi visto e analisado. Como resultado são feitas indicações de novas leituras. A redação de um ensaio e/ou o projeto/artigo já citados no item anterior.

O Que é Método Recepcional?

A leitura de obras canônicas é muito importante para o letramento do aluno na fase de escolarização. Vários são os argumentos que justificam a presença delas na formação do leitor. Há um círculo vicioso: a ausência do contato com textos mais elaborados prejudica o conhecimento de normas linguísticas e gramaticais o que provoca, no estudante, uma rejeição à literatura consagrada. Além disso, a inexperiência com leituras desse teor empobrece a comunicação.

Alguns outros problemas como falta de exemplares para todos os alunos, pessoas mais especializadas para orientar os leitores nas bibliotecas, ausência de bibliotecas em várias regiões do país, constam como entraves para a realização de um bom trabalho com a formação de leitores. Diante disso, as DCEs – Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008) sugerem o Método Recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1988), como apoio ao trabalho do professor em sala de aula.

O Método Recepcional é composto de cinco etapas:

1. *Determinação do horizonte de expectativas* – necessidade do conhecimento do mundo do educando – sua vida, gostos, lazer, valores, crenças etc.
2. *Atendimento do horizonte de expectativas* – proporcionar à classe experiências com textos cujos temas são mais conhecidos e procurados pelos alunos na *Internet*, TV, quadrinhos etc.
3. *Ruptura do horizonte de expectativas* – os textos propostos devem provocar a dúvida, colocando em julgamento as certezas e costumes numa linguagem conhecida, mas diferenciada daquela que usa no seu uso cotidiano.
4. *Questionamento do horizonte de expectativa* – momento de comparação entre o que já conhecia e o que está conhecendo pela leitura e a reação dele diante das diferenças.

5. *Ampliação do horizonte de expectativas* – última etapa do processo. Nela o aluno deve perceber que a leitura feita não é só um trabalho para a escola, porém o resultado de sua reflexão deverá ser compartilhado com a sociedade na qual está inserido; isto porque o ato de ler provocou nele uma mudança em relação à sua visão de mundo.

No livro *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Bordini e Aguiar (1988), há outros métodos que merecem ser estudados, além de exemplos, para que o professor use em suas atividades diárias. A escolha pelo Método Recepcional tem como justificativa o fato de ser indicado pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná de Língua Portuguesa (2008, p. 74).

O método tem como pressupostos teóricos a *Estética da Recepção*, de Hans Robert Jaus, que privilegia a participação do leitor na obra escrita, tornando-a um desafio para a sua compreensão, além de estimular a troca de conhecimentos entre o que ele já sabe e o que adquire com a leitura. Isso representa para o leitor, no final do processo, um amplo cabedal crítico e, para a obra, a possibilidade de inúmeras interpretações, o que Umberto Eco classifica de *Obra aberta* (1986).

Em uma aplicação do *Método Recepcional*, na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (2000), desenvolver:

a) *Determinação do horizonte de expectativas*

O professor pode utilizar uma charge, uma tirinha, uma notícia de jornal, a cópia impressa de um quadro sobre a seca no Nordeste, ou sobre a miséria, e iniciar uma conversa informal com os alunos. Em seguida, sugerir que eles descrevam, por escrito, uma situação semelhante com eles ou com alguém que conheçam. O texto pode ser anônimo, sendo retomado no próximo passo do método.

b) *Atendimento do horizonte de expectativas*

De acordo com alguns textos escritos e escolhidos pelos estudantes, o docente encaminhará uma discussão sobre um parágrafo ou capítulo do livro. Eles poderão pesquisar na *Internet*, alguns filmes, documentários e canções sobre os principais temas da narrativa.

c) *Ruptura do horizonte de expectativas*

Promover um debate com a turma sobre as condições do Fabiano, Sinhá Vitória, dos personagens enfim. Em seguida, dividi-los em duplas. Os alunos, então, escolherão o personagem que quiserem, produzindo um texto: “Se eu fosse...”. Essa dinâmica é apresentada neste manual. O professor pode também levar o poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Mello Neto, inclusive por meio de gravações no Youtube.

d) *Questionamento do horizonte de expectativas*

Os discentes deverão realizar uma análise comparativa nos textos verbais e não verbais, procurando semelhanças e diferenças. Também serão levantadas questões sobre o ato da leitura, o que foi mais difícil compreender: o texto literário? O documentário? A letra da música? As figuras? Quais etapas do método foram mais difíceis de fazer/aprender?

e) *Ampliação do horizonte de expectativas*

A turma pode montar uma exposição sobre os trabalhos elaborados em ambiente próprio, com cenário, objetos, utensílios, textos. Nesta atividade é interessante ter parceria com outras disciplinas como Arte, História, Geografia, Educação Física.

Sugestões: criar um espaço no qual predomine a ideia de seca – chão rachado, árvores ressequidas e tortas, ossada de animais, intercalando esses elementos com fragmentos dos textos lidos. No ambiente urbano, colocar carros, avenidas, semáforos, adultos e crianças moradores de rua, policiais.

Os alunos poderão efetuar uma pesquisa sobre outras obras e textos com os temas abordados em *Vidas Secas*, como sugestão de leitura. Ver algumas dinâmicas deste Manual.

Querendo uma atividade maior, transformar a exposição num projeto, envolvendo toda comunidade escolar, com uma apresentação como encerramento do ano letivo, da qual constarão dança, declamação de poemas, jogral, música, capoeira, elementos do folclore. Nesta atividade, a imaginação deve ser livre, finalizando o todo trabalho elaborado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor é o de se tornar um mediador, despertando o interesse dos alunos, instigando-os a buscarem leituras cada vez mais significativas e complexas. A formação do leitor passa necessariamente por estímulos, estratégias e técnicas que o ajudem a compreender o que lê, mostrando que toda leitura traz consequências, não só para o conhecimento, mas também como forma de autorrealização. Cria-se, assim, um repertório de leitura promovendo a autoestima, o que garante melhor qualidade de vida ao indivíduo e à sociedade na qual está inserido. Ele se torna plenamente um cidadão.

ATIVIDADES

1. O Polvo

Desenhar um polvo com a cabeça bem grande e vários tentáculos.

Na cabeça escrever uma palavra-chave, do título do texto lido.

Nos tentáculos, escrever outras palavras retiradas da leitura.

Sugestões:

- Pode-se trabalhar vocabulário, sinônimos e antônimos, os personagens da trama, os elementos estruturais da narrativa etc.
- Também é possível utilizá-lo para outras disciplinas.
- Uma variação é desenhar uma centopeia no lugar do polvo.

2. Sequências de letras do alfabeto, com as vogais ou só com as consoantes.

Ex: **A**nieli, **e**sbelta, **i**nteligente, **o**rdeira, **ú**nica.

Aqui **b**em **c**almos **d**evem **e**nterar **f**elizes **g**arotos.

3. Eu escrevo, ele escreve, nós escrevemos

Distribuir folhas com uma palavra para cada fileira ou grupo da sala. A criança escreve uma frase e entrega para a seguinte para dar continuidade à ideia. Vence a fileira que terminar primeiro a tarefa.

Variação: pode ser um desenho

4. Caixinha de surpresa

O aluno escreve uma palavra e a coloca na caixa. Em seguida o professor passa a caixa, cada aluno retirando uma palavra. Escreve, então, uma frase no caderno ou na lousa, empregando-a.

Variação: em vez de palavras, o docente traz questões relacionadas ao texto lido. Cada estudante retira a pergunta, respondendo-a em seguida.

As respostas devem ser anotadas na lousa, numa folha de papel ou num mural previamente destinado a isso. Os alunos selecionam as melhores respostas e reescrevem o texto.

5. A corrida de carro

O professor prepara quantas questões achar suficientes para verificar o aprendizado, a leitura ou o interesse despertado por ela. Deve também levar para a sala de aula figuras de carros, fita adesiva, papel *craft* ou cartolina.

Na aula, sorteia alguém para ser o cronometrista, divide a classe em grupos, distribuindo as figuras dos carros. Então, cada grupo escolhe o seu. O docente monta uma “pista de corrida” na lousa, com as figuras ou nomes determinando o tempo. A cada 1 cm põe um limite de velocidade, 100, 150, 200, 250, 300, 350, 400, 450, 500.

O professor lê bem pausadamente a pergunta; o cronometrista dá o sinal e marca o tempo. O grupo escreve a resposta, entrega-a ao professor com a identificação do grupo. Depois de todas as questões respondidas, a resposta certa é dada e cada grupo que acertou avança uma casa da velocidade. O grupo com mais pontos será o vencedor.

Vale lembrar dois pontos: o grupo não pode consultar a obra lida, e deve ser estabelecido um limite de tempo.

Camaro	100	150	200	250	300	350	400	450	500
<i>Land Rover</i>									

6. Notícia sensacionalista e Notícia formal

Em duplas, os alunos devem transformar o enredo da narrativa em uma notícia nos moldes dos programas de TV (do “Cadeia”, do “Datena”), ou dos jornais que enfatizam o dramático, a chantagem emocional. Na notícia formal, deve-se redigir o texto em linguagem simples, objetiva, mas sem gírias ou termos chulos, a exemplo do “padrão global de qualidade”.

Para a apresentação, pode-se improvisar uma bancada – uma mesa, cadeiras, um notebook; os microfones são rolos internos de papel higiênico, uma bolinha de isopor ou mesmo de jornal amassado, encapados com papel prata ou dourado; de câmeras – uma caixa de sapato com um buraco; de iluminação – uma lanterna etc, se imaginar um estúdio de TV ou rádio. Mas

também pode-se pensar em uma apresentação externa, na rua. O cuidado com a vestimenta deve ser de acordo com o tipo de programa.

7. Cardápio

Elaborar um cardápio envolvendo as personagens, a trama, o desfecho da obra lida.
Exemplo a seguir com o livro *Senhora*, de José de Alencar.

– Entradas

Canapés recheados com saudade da Adelaide.
Sopa de brócolis com as lágrimas da Aurélia.
Saladas verdes à moda de D. Firmina.

– Prato principal

Carne de pescoço, ao molho de vinho tinto, do tio Lemos.

– Acompanhamento

Batatas cozidas e arroz branco temperados com comentários dos amigos.

–Sobremesa

Manjar reconciliação: de coco branco e ameixas secas, regado com calda de vinho licoroso.

8. Paráfrase

Os alunos podem escrever narrativas ou poemas com palavras ou mesmo ideias de outro texto.

<p>Dito, o negrinho</p> <p>Pedro Bloch</p> <p>O nome dele era Benedito. Dito Negro Treze anos. Sonhava demais. Morava numa fazenda. Tinha uma namorada. Esperança era o nome. Não da namorada. Da fazenda. Da namoradinha era Bidu. Ela era tão grande (a fazenda) que você andava dois dias e três luas e, mesmo correndo ou voando, não dava pra entrar nem na saída dela. Benedito era nascido e criado lá. Minto. Nem nascido, nem criado. Sofrido. Negro Treze anos. Sonhava demais. Só que o sonho era pequenino, barato. (<i>Dito, o negrinho da flauta</i>. 19. ed. São Paulo: Moderna, 1990).</p>	<p>Zaca, o pivete</p> <p>Vanderlei Jaher, aluno da 4ª. série</p> <p>Ele se chamava Zacarias. Zaca. Isto lá é nome? Pretinho. Dez anos. Tinha a cabeça na lua. Morava numa favela. Tinha uma namorada. Rocinha era o nome. Não da namorada. Da favela. Da namorada era Rosinha. Quase igual. A favela era um mundão eu não acabava mais e a gente andava pisando só em porcarias. O Zaca nasceu e se criou lá. Mentira. Sofre lá. Preto. Dez anos. Um desmiolado. Mas tinha outro jeito? (SORDI, Rose. <i>Magistrando a língua portuguesa</i>. v. 2. São Paulo: Moderna, 1991. p. 16-17).</p>
---	---

9. Cartaz de filme

Verificar se os estudantes têm conhecimento de como era a propaganda dos filmes, uma vez que não há mais salas de exibição nas cidades pequenas. Caso desconheçam, apresentar os cartazes e solicitar uma pesquisa na *Internet*, sugerindo que façam algo parecido com o texto lido.

(Vale lembrar que essas três atividades são possíveis também com a intermediação da disciplina de Arte).

10. As novidades

Em duplas, as crianças devem acrescentar detalhes à história, ressaltando aquele assunto que mais lhes chamou a atenção no momento da leitura.

11. O próximo capítulo

Esta atividade é usada quando não se tem livros para todos. O professor deve criar uma “Hora da leitura” e ler um trecho ou capítulo para os alunos. Ao final da leitura, resumir o que foi lido – “Hoje lemos como o Bolachão foi preso, amanhã saberemos se os detetives irão encontrá-lo”.

12. Paródia

“Obra literária, teatral, musical etc. que imita outra obra, ou os procedimentos de uma corrente artística, escola etc. com objetivo jocoso ou satírico; arremedo” (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 1437).

É muito comum usar a melodia conhecida para um efeito mais divertido.

“A Formiga e a Cigarra” (**Paródia**)

(Paródia da fábula de La Fontaine)

Era uma vez uma formiguinha e uma cigarra que, apesar das diferenças, desde muito pequenas, eram muito amigas. Era outono e a formiga sempre preocupada com a chegada do inverno, porque sabia bem o que acontecia em sua cidade quando chovia muito, decidiu dedicar-se arduamente ao trabalho. A partir daquele dia faria horas extras diárias, venderia suas férias e trabalharia o mais que pudesse, inclusive em serviços extras que poderia desenvolver em casa, tudo isso para garantir um cofre cheio para a temporada de chuvas.

A cigarra, no entanto, pensava diferente, ou melhor, nem pensava em nada além de curtir a vida:

– Qualé mulher!!! Tu tem é que aproveitar o hoje, o agora. Amanhã é outro dia, outra história. Viver um dia de cada vez é a coisa certa a se fazer!

Mas a formiga não pensava assim e mergulhou fundo no trabalho. Depois daquele dia não teve mais tempo para nada e nem para ninguém, seu nome era trabalho, e seu sobrenome era sempre.

Enquanto isso a cigarrinha farreava, não perdia uma festa sequer, bebia todas, contemplava o pôr-do-sol, recebia, ainda acordada, o sol que nascia, visitava os amigos, viajava, enfim, praticava toda a rotina de uma vida solteira e sem compromisso.

Chegado o inverno, a cigarrinha, de casaco de pele caríssimo, de perfume Giorgi Armani e maquiada com Lancôme chegou na casa da amiga para se despedir e chocou-se ao encontrar apenas a mamãe formiga a chorar e lamentar-se.

A formiguinha havia sido despedida uma semana após a conversa inicial desta fabulosa fábula. O seu superior na fábrica havia aplicado um golpe na empresa e pusera a culpa na pobre coitada, impondo-lhe uma chantagem. A formiguinha foi demitida por justíssima causa, não recebendo nada, nada, nada de indenização, conforme prega o art. XXX, § 3º, inciso 2º, Linha 201º, Vírgula 30 (ao canto da página) da Lei 1.876/46:

“É dado como justa causa às demissões por ocasião de furto do funcionário para com a empresa e não se fala mais nisso.”

O seu superior (autor do golpe), ficando sensibilizado com a situação da pobre coitada, conseguiu com a presidência da empresa, que lhe fosse liberado o Seguro Desemprego. Saindo da empresa a formiguinha foi então dar entrada no benefício, e durante uma semana ela foi à Caixa Econômica até que encontrou seu nome na folha para receber a bagatela no dia seguinte. Assim, preferiu dormir na porta do Banco para que fosse a primeira a ser atendida. Fez amizade com três senhores, duas mulheres e cinco adolescentes que lá já estavam, todos com o mesmo intuito, porém é grande o coração desse povo brasileiro, e ficaram amigos, quase uma família. Em menos de três horas todos já conheciam as desventuras de todos. Nessa noite, a formiguinha sofreu uma parada cardíaco-respiratória-vascular-intrauterina, que segundo o médico legista, foi causada pelo uso de ácido sulfúrico na fábrica de chapéus em que trabalhava. A sua nova família ainda levou-a ao hospital, na urgência pediram que aguardasse, pois o médico plantonista havia saído para jantar e retornaria em uma hora. A pobre formiga não resistiu e veio a falecer.

– Mas e você, Cigarrinha, para onde vai tão bem vestida? – indagou a mãe da finada, esquecendo a dor e adquirindo um certo ar de malícia.

Eu conheci Jorgh Alfred Hilfren na praia, no começo do outono passado e nos apaixonamos logo de cara. Jorgh é muito romântico e, como todo alemão, é ligado às coisas do coração. Dessa forma, decidimos nos casar em Dachau.

A formiga mãe, com olhos que derramavam inveja, cumprimentou a cigarrinha que partia rumo à felicidade.

(Moral da história: No Brasil, o trabalho dignifica. Dignifica... Dignifica o que mesmo?)

Cinthya Danielle dos Reis Leal

Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/humor/15800>>

13. Brincando com as palavras

Eu sou 10...

10leixada 10bocada 10cuidada 10vairada 10dentada 10cabelada
10ajeitada 10naturada 10mazelada 10qualificada 10organizada 10trambelhada

Eu sou *miss*...

Miss tica, miss preme, miss maga...

É interessante que as crianças pesquisem no dicionário se as palavras são escritas com “z” ou com “s”, além de chamar a atenção para o vocábulo inglês.

14. Jogo de memória

O trabalho pode ser feito todo na sala de aula com a ajuda dos alunos: o professor distribui folhas de sulfite ou cartolina e pede aos estudantes que façam cartões de 5 cm x 5cm. Em seguida, anota na lousa termos da narrativa (mais ou menos vinte), escolhidos por eles, os quais deverão ser escritos em dois cartões (aos pares), compondo o jogo.

Para iniciar a brincadeira, a sala deverá ser dividida em grupos de quatro alunos que jogarão em duplas. Distribuir um jogo para cada grupo, solicitando que as “peças” sejam embaralhadas, viradas sobre a mesa, colocadas em colunas para facilitar a memorização.

O primeiro aluno da dupla a jogar levanta dois cartões na tentativa de encontrar o par. Em seguida, o companheiro da dupla faz a mesma coisa. Se encontrar um par, retira-o do jogo e continua jogando; se não acertar, passa para a dupla seguinte. A dupla que encontrar o maior número de pares será o vencedor.

15. Conversa por escrito

A classe é dividida em duplas, que recebem uma folha de papel e conversam sobre o texto lido, mas por escrito.

16. Se eu fosse...

Individual ou em duplas, os alunos escolhem e se colocam no lugar de uma personagem da narrativa. Devem criar outras ações, outros finais, redigir e ilustrar o novo texto.

17. Continuando a história...

Parece com a anterior, mas o texto original é interrompido e os alunos devem escrever o que eles acham que deve acontecer na história.

18. Dossiê de textos

Os estudantes devem ter uma caderneta na qual anotarão os dados importantes dos livros lidos, principalmente os extraclasse, durante o ano letivo. Podem colocar uma pequena biografia do autor, um comentário e/ou resumo do assunto. No encerramento das atividades anuais, o professor faz uma exposição na sala ou para toda comunidade escolar, conferindo uma medalha de primeiro lugar à caderneta com maior número de obras e atividades. Poderá haver uma premiação: um belo livro.

19. Cruzadinhas, Caça-palavras, Criptogramas.

Levar para sala exemplares de palavras cruzadas, nos quais se encontram também caça-palavras e criptogramas. Dividir a turma em grupos e cada um deve fazer uma ou mais atividades, sempre respeitando a escolha deles, porém com nomes e acontecimentos de livros lidos.

ATIVIDADES MAIS ELABORADAS

Um almanaque

Levar almanaques para que os estudantes os conheçam. Chamar a atenção para os aspectos estruturantes desse tipo de produção: estilos diferentes, diversidade de temas, leitura simples e objetiva porque é destinado ao público em geral, cada página tem um assunto diferente, não exige continuidade de leitura, pode ser de trás para frente, só o meio. Os temas

são relacionados ao cotidiano e podem ser produzidos em forma de poemas, crônicas, curiosidades, horóscopo, fases da lua, anúncios, receitas, moda, entre outros.

Para sua elaboração: Leitura individual do tema proposto com anotações mais importantes, resumo, fichamento, enfim apresentar as ideias mais importantes.

Produzir textos bem diversificados: anúncios, poemas, acrósticos, receitas, letras de música, paródia, curiosidades, provérbios, ditos populares, piadinhas, adivinhações.

Elaborar desenhos, charges, caricaturas, cruzadinha.

Passos: apresentar a tarefa ao grupo, escolher os melhores produtos, planejar a organização para montar o almanaque que pode ser em equipe ou envolvendo a sala toda.

Para a divulgação: Realizar uma exposição no pátio, ou imprimir e distribuir exemplares para divulgação.

Como última atividade, o professor solicita ao estudante uma avaliação crítica do seu desempenho: leitura da obra e do trabalho desenvolvido.

Uma história, outro livro

Dividir a sala em grupos e a cada um determinar uma tarefa:

- Criar a capa;
- Escrever a biografia do autor;
- Elaborar informações para as orelhas do livro;
- Realizar novas ilustrações;
- Escrever a apresentação da obra para a contracapa.

Jornal

Criar um jornal com as seções comuns a todos os jornais: nome, notícias, esporte, política, sociedade, charges, tirinhas, cartas dos leitores, editorial, crônicas, economia, classificados. Tudo relacionado ao texto abordado na leitura.

Esta atividade pode ser estendida a outras séries, criando na escola um “cantinho” só para a leitura. Também, se todos tiverem acesso, publicá-lo no *site* da escola.

Poesiando...

O texto poético deve ter sempre um lugar privilegiado na escolha do que se apresentar aos alunos porque está muito próximo da ludicidade oral da criança, facilitando prazerosos momentos de leitura, além de permitir a demonstração de sua sensibilidade.

O primeiro contato deve ser sempre por meio da leitura silenciosa para que o aluno possa sentir as impressões que o texto lhe provoca. Em seguida, o professor lê em voz alta para a classe, dando a ênfase necessária (entonação). Seria uma “**leitura dramática**”.

Acróstico

Poesia em que as primeiras letras (às vezes, as do meio ou do fim) de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou conceito, máxima. (HOUAISS, VILLAR, 2009, p. 43).

A migos são	M eiga
M ais que	A mável
I rmãos, são escolhidos	R isonha
G anhos na convivência	I nteligente
O riundos de todos os tempos	N atural
S em prazo de validade.	A colhedora

Jogral

É a leitura feita em grupo, dentro de um cadenciamento de vozes.

O Pato (A)	Legenda
Lá vem o pato (T)	A- um aluno
Pata aqui, pata acolá (B)	B- três alunos
Lá vem o pato (T)	C- cinco alunos
Para ver o que que há(B)	D- dez alunos
O pato pateta (C)	T- todos
Pintou o caneco (D)	(ou distribuir por fileiras de
Surrou a galinha (B)	carteiras)

Bateu no marreco (D)
Pulou do poleiro (A)
No pé do cavalo (B)
Levou um coice (C)
Criou um galo (D)
Comeu um pedaço (B)
De jenipapo (D)
Ficou engasgado (A)
Com dor no papo (C)
Caiu no poço (A)
Quebrou a tigela (D)
Tantas fez o moço (A)
Que foi prá panela (T)

MORAES, Vinícius de. *A arca de Noé*.

<Disponível em: https://rosangelaaprendizagem.blogspot.com.br/2013_10_12_archive.html>.
Acesso em: 20 abr. 2017.

Decálogo Rimado

Levar o poema de Thiago de Mello, *Os estatutos do homem*, como início de conversa informal sobre poesia. Em seguida, sugerir que, em dupla ou individualmente, cada um escolha um tema e faça o seu decálogo.

“Artigo I.

Fica decretado que agora vale a verdade.

Que agora vale a vida,

E que de mãos dadas,

Trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II.

Fica decretado que todos os dias da semana,

Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,

Têm direito a converter-se em manhãs de domingo”[...]

Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/tmello.html#estat>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Fica decretado que agora.....

Que agora....

E que....

Sugestões:

Decálogo do professor.

Decálogo do aluno.

Decálogo do médico.

Além da produção do próprio estatuto, outras atividades poderão ser realizadas como pesquisa, criação de um local onde os alunos tenham a liberdade de escrever, pintar, colar, desenhar, deixar recados. Enfim, que possam demonstrar a sua satisfação ou descontentamento com o momento contextualizado por eles.

Decomposição Poética de Nomes

A partir das letras formadoras do nome, criar novas palavras e em seguida um poema.

B E A T R I Z	Por um triz
. . A T R I Z	Beatriz
. . . T R I Z	seria atriz!
. . A . R I .	(Ari não entrou
B . A . R . .	em cena.)

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Diário de Classe*, 1992, p. 12-13).

Classificados

- Classificados Comuns:** encontrados em jornais e revistas: “**Vende-se** um fusca branco, ano 93, por R\$ 4.500,00. Tratar pelo telefone: 43 3542 9090”.
- Classificados Poéticos:** são fantasiosos, brincam com a imaginação.

“Troco um fusca branco
por um cavalo cor de vento
um cavalo mais veloz que o pensamento
Quero que me leve pra longe
e que galope ao deus-dará.
que já me cansei deste engarrafamento...”

(MURRAY, Roseana. *Classificados poéticos*, 1987, p. 24-25).

- Desclassificados:** humorísticos, brincalhões (inspirados em textos de Jô Soares, por exemplo). **Vende-se** gaiola sem porta para ecologistas. **Doa-se** um pé de sapato para saci-pererê. **Aceita-se** cabelo da mula-sem-cabeça.

Brincando com letras

“Com **B** se escreve:

Banana e **B**ala,

Bigode e **B**elo,

Barulho e **B**ule,

Balão e **B**riga,

Bolacha e **B**olo,

Boliche e **B**ola,

Burro e **B**arriga.”

(ROCHA, Ruth. *Palavras, muitas palavras*, 1985, p. 4).

Sugestão: com “**L**” se escreve:

Quadrinhas

Como o próprio nome indica, é um poema formado por uma única estrofe com quatro versos. Geralmente faz parte da tradição oral do povo, por isso nem sempre tem autoria.

O colo desta menina,

É branco como algodão,

Tem a beleza das garças,

Voando pelo sertão.

Corre ratinho

Que o gato tem fome.

Corre ratinho

Que o gato te come.

Disponível em: <www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/quadrinhas_populares.htm>. Acesso em: 20 abr. 2017.

“Ralhando com seus porquinhos

A porca, mãe exemplar,

Vendo-os, assim, bem limpinhos...

_ já pro barro se sujar!!!

MAX, Amália. Disponível em: <<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/quadrinha-infantil/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

“A situação tá tão feia,

Minha grana tão escassa,

Que o vizinho churrasqueia

E eu passo o pão na fumaça.”

ORNELLAS, Pedro. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Trova#Ver_tamb.C3.A9m>. Acesso em: 20 abr. 2017.

Sugestão: Complete as rimas:

Tenho um irmão

Que se chama _____

Ele gosta de pastel

Que come com muito _____

Lourenço saiu depressa

Porque tinha muita _____

Ia passar em Portugal

E levou junto seu _____

Fontes das atividades:

Além da experiência e inventividade das pesquisadoras (Zenaide Aparecida Negrão e Marilu Martens Oliveira), algumas atividades foram adaptadas das obras sugeridas nas Referências.

REFERÊNCIAS

Teóricas

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CEREJA, W. R. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

ECO, U. *Obra aberta*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo 1975-2000*. São Paulo: ed. UNESP, 2010.

JEHA, J. Ética e estética do crime: ficção de detetive, *hard-boiled* e *noir*. XXI. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA (ABRALIC), XII, Curitiba. *Anais eletrônicos*. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong_2011/anaisOnline/resumos>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_port.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.

